



# A PROVOCADORA

COM PERSONALIDADE FORTE, AUDÁCIA E UM PINGO DE LOUCURA, A CARIOCA PAULA PARISOT MOSTRA POR QUE É UMA DAS ESCRITORAS MAIS BARULHENTAS DE SUA GERAÇÃO

POR CAMILA YAHN FOTOS CRIS BIERRENBACH

**E**la atravessa uma feira de rua para chegar ao ateliê da florista Maria Haller, onde as fotos que ilustram estas páginas foram feitas. Miúda, mas com uma forte presença, se faz perceber. Todos param para vê-la passar. Seu perfume deixa rastro.

Personalidade e estilo não faltam a Paula Parisot, a jovem escritora de 31 anos e ex-designer de bolsas (as peças eram vendidas na Clube Chocolate) que ganhou os cadernos de cultura dos jornais mais importantes do país ao se envolver em duas polêmicas: primeiro foi apontada como pivô da saída do escritor Rubem Fonseca, seu mestre de profissão, da editora Companhia das Letras. E sua performance na Livraria da Vila causou a ira de alguns visitantes e rendeu críticas duras por parte da mídia especializada. Desde então, com todos os holofotes voltados para ela, Paula recebeu um convite para integrar o elenco da próxima formação do programa *Saia Justa*, no GNT. Até o fechamento desta edição, negociava sua participação.

Ao se propor a ficar sete dias “presa” em uma caixa de acrílico dentro da livraria, sem contato com o mundo externo a não ser por troca de olhares, Paula tirou muita gente da zona de conforto e causou as mais variadas

reações no público. “Teve gente que gostou e gente que odiou”, diz. Todos os dias ela ficava à espera de suas “visitas”: um homem de terno que a via todas as manhãs antes do trabalho, uma mulher que dançava para ela, outra que recitava poesia, outra que cantava. Teve uma que se ajoelhou e a chamou de Santa Maria, rezou e depois chorou, agradecendo, pois há muito não chorava. Uma jovem disse estar apaixonada por ela e um estudante perguntou: “Por favor, me explica o que você está fazendo aí?”. Alguns a ignoraram completamente, outros bateram com raiva nas paredes de acrílico da morada. A performance gerou discussão. Mas o que causou mais curiosidade foi a relação de Paula com o mestre recluso Rubem Fonseca, que ia diariamente até o local da performance visitar a escritora e alimentá-la. Sobre a amizade dos dois ela não gosta de falar. “Houve uma matéria que me colocou como ‘culpada’ pela saída do Rubem da Companhia das Letras, mas ela é sem fundamento. Não houve atrito entre o Rubem Fonseca e a editora. O Rubem admira o Luiz Schwarcz, como editor e como pessoa.” Rubem Fonseca, por sua vez, sempre avesso a aparecer e a dar entrevistas, citou o revolucionário francês Danton para parabenizar a pupila pela performance. Disse ele na época: “A audácia, novamente a audácia e sempre a audácia”.



RUBEM FONSECA CITOU  
O REVOLUCIONÁRIO  
FRANCÊS DANTON PARA  
PARABENIZAR PAULA APÓS  
A PERFORMANCE:  
“A AUDÁCIA, NOVAMENTE  
A AUDÁCIA E SEMPRE  
A AUDÁCIA”, DISSE ELE.




Com dois livros no mercado, *Gonzos e Parafusos* (Leya Brasil) e *A Dama da Solidão* (Companhia das Letras), a escritora sabe dosar inteligência, graça, humor e ironia nos contos – e fora deles. Paula é uma pessoa intensa e coloca toda energia em seus projetos, sejam eles um livro, uma performance ou um desenho. Sim, ela desenha muito bem. Nos anos que passou em Nova York fez ilustrações para revistas de moda e acompanhou de perto o trabalho do marido, o cineasta Richard Haber, que dirigiu o documentário sobre a artista sérvia Marina Abramovic, conhecida por seu forte trabalho performático. Vem daí seu gosto pela performance e também por trabalhos como o vídeo *Coyote – I Like America and America Likes Me*, do alemão Joseph Beuys, em que, em um ato de protesto contra a ação militar americana no Vietnã, ele passa três dias fechado em um quarto com um coioite (para os nativos americanos, o coioite é um animal poderoso, quase um Deus, capaz de transitar entre os mundos físico e espiritual). “Performance é arte viva, é a vida ritualizada. É um meio de expressão artística como a pintura, a dança, o teatro, a literatura. Por que parece tão chocante um escritor fazer uma performance?”, questiona, ainda sem

entender a razão das críticas que recebeu pelo seu feito.

Provocações à parte, Paula agora está focada no lançamento de *Parafusos Sobressalentes*, uma compilação com todos os desenhos e escritos que fez nos cadernos e nas paredes durante os sete dias de confinamento. E também está escrevendo um romance, ainda sem título, narrado na primeira pessoa por um homem.

Pelo menos por ora, ela não se vê trabalhando com moda de novo. Hoje é apenas uma observadora e, quando questionada sobre seu estilo, gosta de falar que é simples, mesmo esbanjando elegância no vestir e na atitude. Seu gosto pelo assunto vem desde pequena, quando criava vestidos e depois os costurava com a ajuda de sua mãe.

O que ela quer fazer daqui para a frente? O que lhe der na telha. Afinal, Paula não é só uma escritora. A liberdade e o amor são, no fim, suas ferramentas mais caras. “Recentemente minha mãe encontrou uma caixa com papéis que pertenciam a mim quando criança. Lá encontrei um caderno com registros da ‘escola do amor’. Eu era a professora que ensinava a amar. E, segundo as minhas anotações, a maioria das pessoas não entendia a matéria e perguntava: ‘Quem é aquela menina que ensina a amar?’” Essa é Paula Parisot.

A close-up, artistic photograph of a woman with long dark hair, lying down with her eyes closed. She is wearing a crown made of pink and red flowers. Her face is the central focus, with soft lighting highlighting her features. She has bright red lipstick and shimmering eye makeup. The background is a blurred, warm-toned fabric, possibly a red velvet curtain.

Vestido branco de seda Studio Pilot, pulseiras  
douradas Francesca Romana Diana, tiara de  
flores Maria Haller, colar Fabiana Malavazi

Beleza: Alessandro Tieni (Gloss)  
Produção de moda: Manoela Fêres  
Assistente de fotografia: Ilicia Lipzetz  
Assistente de produção: Josiê Alves